

VICTOR HUGO E A SUA CORRESPONDÊNCIA COM PORTUGAL

MARIA DO NASCIMENTO OLIVEIRA CARNEIRO

A publicação da correspondência entre Victor Hugo e Portugal, que aqui procuramos consignar e reunir, aspira, antes de mais, a superar as lacunas num espaço cultural português altamente desmotivado e desligado da criação literária deste autor. Mas a importância que os seus escritos desempenharam na formação do romantismo e na orientação ideológica, cultural e sócio-política de Portugal, no século XIX, contrasta singularmente com este adormecimento da nossa crítica e dos nossos estudiosos. Ficou definitivamente estabelecido com o ensaio de Vitorino Nemésio intitulado *Relações francesas do romantismo português* que «O que mais se lê é francês. O livro culto — literatura, vulgarização, ciência — vem dos prelos franceses» (1). Entretanto, tanto numa perspectiva sociológica, como numa perspectiva de diálogo entre culturas, seria altamente enriquecedor tentar um levantamento estatístico da difusão no mercado português das obras e dos autores vindos de França, no período em questão. Não restam contudo dúvidas que a penetração das obras de Victor Hugo entre nós foi ao longo de quase todo o século XIX permanente e ganhou rapidamente a adesão dos meios culturais. É evidente, no entanto, que a sua influência se tornou mais significativa por volta dos anos 70. Revestido dum carácter mítico e quase sobre-humano, Hugo será apelidado por Guerra Junqueiro de «divino Hugo» e o próprio Eça de Queirós evocará o «papá Hugo».

Esta nítida «hugolatria» que impera nos meios portugueses vai possibilitar uma troca epistolar, o entabular de relações à distância entre sujeitos aspirando a um mesmo ideal de justiça social, como são esses homens da segunda geração romântica. Mas, curiosamente, essa correspondência processa-se sobretudo graças a certos escritores, poderíamos dizer «menores», na literatura portuguesa.

Não tendo ainda sido realizado um levantamento exaustivo dessas missivas, pode no entanto afirmar-se que aquelas que se conhecem são quantitativamente pouco numerosas e relativamente tardias, pois a primeira data de 1862. Isto significa que os correspondentes de Victor Hugo surgem no último quartel da sua vida e no período áureo da sua carreira literária, depois da publicação de *Les Misérables* e no quadro dum exílio que se prolongava em Guernsey.

Num breve balanço deste diálogo epistolar devemos esclarecer que actualmente em França, quer nos meios «hugolianos» quer nas duas edições completas das obras de Hugo — a da *Imprimerie Nationale* e a do *Club Français du Livre* — apenas são referenciadas duas cartas de Hugo e ambas dirigidas a Pedro de Brito Aranha (2), uma das quais por solicitação indirecta deste. No referente ao contexto português convirá notar que a pesquisa não vai muito mais longe, pois apenas foram detectadas mais duas outras cartas. Deve no entanto admitir-se a possibilidade duma correspondência mais alargada com autores lusitanos.

Começemos pela comunicação epistolar entre Victor Hugo e Brito Aranha. A primeira carta, para além de ser um gesto de agradecimento (3), é também uma mensagem de simpatia numa comunhão dos mesmos ideais. Eis o seu conteúdo:

Vous avez bien fait, monsieur, de me citer dans votre écrit excellent, comme un persévérant et indomptable adversaire des ténèbres cléricales. Les ténèbres par l'église, l'abrutissement du peuple par le prêtre, la nuit jetée sur les âmes au nom du dogme, que Dieu soit employé à faire reculer l'homme au lieu de le faire avancer, c'est là, dans notre siècle, le crime et la honte du parti dit *parti catholique*. Combattons-le, et, jusqu'à ce qu'il se taise, parlons plus haut que lui. Le salut de l'âme humaine est à ce prix.

Courage, monsieur, je vous serre la main.

VICTOR HUGO

O discurso de Hugo não constitui aqui inovação; é apenas uma reiteração dos princípios assumidos desde 1849, ano em que se separa na Assembleia legislativa das orientações dum partido católico declaradamente fechado às ideias de justiça e de progresso social. Em Julho de 1849, Victor Hugo marcava assim as suas distâncias para com o partido:

«Être de cette majorité? Préférer la consigne à la conscience? Non!» (4).

Eis-nos bem longe desse Hugo que Vigny descrevia em 1820 como «un peu fanatique de dévotion et de royalisme» (5). Orientando-se cada vez mais para uma filosofia religiosa independente da tradição e do dogma cristão, Hugo inseria em 2 de Abril de 1883 a seguinte cláusula no seu testamento:

«Je refuse l'oraison de toutes les églises. Je demande une prière à toutes les âmes. Je crois en Dieu».

É portanto neste contexto e dentro dos parâmetros apontados que a carta a Brito Aranha deve ser interpretada e não como uma atitude niilista ou uma denúncia esporádica e isolada.

Cinco anos de inexplicável silêncio tinham decorrido quando em 1867 Pedro de Brito Aranha vem anunciar ao poeta um elemento novo e apaixonante na história de Portugal e no devir da civilização: a abolição da pena de morte que o rei D. Luís acabava de assinar.

À M. VICTOR HUGO

Lisbonne, le 27 Juin 1867

On vient de remporter un grand triomphe! Encore mieux: la civilisation a fait un pas de géant, le progrès s'est acquis un solide fondement de plus! La lumière a rayonné plus vive. Et les ténèbres ont reculé.

L'humanité compte une victoire immense. Les nations rendront successivement hommage à la vérité; et les peuples apprendront à bien connaître leurs vrais amis, les vrais amis de l'humanité.

Maître! votre voix qui se fait toujours entendre lorsqu'il faut défendre un grand principe, mettre en lumière une grande idée, exalter les plus nobles actions; votre voix qui ne se fatigue jamais de plaider la cause de l'opprimé contre l'opresseur, du faible contre le fort; votre voix, qu'on écoute avec respect de l'orient à l'occident, et dont l'écho parvient jusqu'aux endroits les plus reculés de l'univers; votre voix qui, tant de fois, se détacha forte, vigoureuse, terrible, comme celle d'un prophète géant de l'humanité, est arrivée jusqu'ici, a été comprise ici, a parlé aux coeurs, a été traduite en un grand fait ici... dans ce recoin, quoique béni, presque invisible dans l'Europe, microscopique dans le monde; dans cette terre de l'extrême occident, si célèbre jadis,

qui sut inscrire des pages brillantes et ineffaçables dans l'histoire des nations, qui a ouvert les ports de l'Inde au commerce du monde, qui a dévoilé des contrées inconnues, dont les hauts faits sont aujourd'hui presque oubliés et comme effacés par les modernes conquêtes de la civilisation, dans cette petite contrée enfin qu'on appelle le Portugal!

Pourquoi les petits et les humbles ne se lèveraient-ils pas, quand le dix-neuvième siècle est déjà si près de son terme, pour crier aux grands et aux puissants: L'humanité est gémissante, régénérons-la, l'humanité se remue, calmons-la; l'humanité va tomber dans l'abîme, sauvons-la?

Pourquoi les petits ne pourraient-ils pas montrer aux grands le chemin de la perfection? Pourquoi ne pourraient-ils, seulement parce qu'ils sont petits, apprendre aux puissants le chemin du devoir?

Le Portugal est une contrée petite, sans doute; mais l'arbre de la liberté s'y est déjà vigoureusement épanoui; le Portugal est une contrée petite, sans doute, mais on n'y rencontre plus un seul esclave; le Portugal est une contrée petite, c'est vrai; mais, c'est vous qui l'avez dit, c'est une grande nation.

Maître! on vient de remporter un grand triomphe, je vous l'annonce. Les deux chambres du parlement ont voté dernièrement l'abolition de la peine de mort.

Cette abolition, qui depuis plusieurs années existait de fait, est aujourd'hui de droit. C'est déjà une loi. Et c'est une grande loi dans une nation petite. Noble exemple! Sainte leçon!

Recevez l'embrassement respectueux de votre dévoué ami et très humble disciple,

PEDRO DE BRITO ARANHA

Também aqui poderá ser útil recordar a frequência com que a temática da pena de morte surge na obra de Hugo. Defensor acérrimo dos condenados e crítico vigoroso no combate às iniquidades da justiça, a sua generosidade e a sua coerência neste terreno jamais foram desmentidas. Desde a publicação em 1829 do *Dernier Jour d'un Condamné* até às obras de maturidade; desde a poesia ao romance, passando pelos seus discursos públicos, Hugo não se cansará de denunciar o uso e a prática duma lei indigna da civilização do século XIX.

A carta de Brito Aranha é bem uma homenagem ao defensor público, ao lutador infatigável, e também um documento de indesmentível interesse pois nele se descortina a influência que as ideias de Hugo exerciam nos fenómenos sociais e nas instituições portuguesas (e não apenas no plano estritamente literário).

Não há dúvida que ao transmitir a Hugo o grande acontecimento o autor da missiva considera-o um pioneiro e um dos maiores, senão o maior representante romântico, na luta pela justiça social e na defesa daqueles que a sociedade marginaliza. Se de facto o movimento romântico se caracterizou por um humanitarismo e uma missão social e política, é sem dúvida em Victor Hugo, escritor e homem público, que vamos encontrar as mais significativas manifestações e as mais firmes oposições à arbitrariedade e à desumanização da lei. Por isso, a resposta não tarda:

À M. PEDRO DE BRITO ARANHA

Hauteville-House, 15 Juillet

Votre noble lettre me fait battre le coeur.

Je savais la grande nouvelle; il m'est doux d'en recevoir par vous l'écho sympathique.

Non, il n'y a pas de petits peuples.

Il y a de petits hommes, hélas!

Et quelquefois ce sont ceux qui mènent les grands peuples.

Les peuples qui ont des despotes ressemblent à des lions qui auraient des muselières.

J'aime et je glorifie votre beau et cher Portugal. Il est libre, donc il est grand.

Le Portugal vient d'abolir la peine de mort.
Accomplir ce progrès, c'est faire le grand pas de la civilisation.
Dès aujourd'hui le Portugal est à la tête de l'Europe.
Vous n'avez pas cessé d'être, vous portugais, des navigateurs intrépides. Vous allez en avant, autrefois dans l'océan, aujourd'hui dans la vérité. Proclamer des principes, c'est plus beau encore que de découvrir des mondes.
Je crie: Gloire au Portugal, et à vous: Bonheur!
Je presse votre cordiale main.

V. H.

Mas, com data de 2 de Julho de 1867, também o jornalista Eduardo Coelho, então redactor do Diário de Notícias, recebia a seguinte carta de Hugo (16):

Está pois a pena de morte abolida nesse nobre Portugal, pequeno povo que tem uma grande história! Penhora-me a recordação da honra que me cabe nessa vitória ilustre. Humilde operário do progresso, cada novo passo que ele avança me faz pulsar o coração. Este é sublime. Abolir a morte legal, deixando à morte divina todo o seu direito, e todo o seu mistério é um progresso augusto entre todos. Felicito o vosso parlamento, os vossos pensadores, os vossos escritores e os vossos filósofos! Felicito a vossa nação. Portugal dá o exemplo à Europa (...). A liberdade é uma cidade imensa da qual todos nós somos cidadãos. Aperto-vos a mão como a um compatriota na humanidade e saúdo o vosso generoso espírito.

VICTOR HUGO

Reiterando os mesmos princípios e expondo a mesma problemática, esta carta não nos comunica portanto nada de novo a nível do conteúdo.

Parece, todavia, ser só em 1870 que Victor Hugo retoma contacto com Portugal e desta vez graças à mediação de Guilherme Braga, redactor da Gazeta Democrática. Eis o seu teor:

Hauteville house, 23 Avril 1870.

Mon cher concitoyen de la République Universelle:
J'ai reçu votre éloquente lettre et votre excellent journal. Vous êtes de ces hommes en qui se condense l'âme du peuple; vous avez en vous la grande conscience de la liberté.
Plus nous avançons dans ce grand dix-neuvième siècle, plus la lumière se fait. Les obstacles momentanément interposés, Napoléon III, Bismarck, le Concile, etc., toutes ces ombres qui tâchent de nous cacher le but disparaîtront. Avant peu, il se fera un grand évanouissement qui sera la disparition définitive du passé. Ce jour-là 89 sera accompli et la Révolution de la France sera la Révolution d'Europe. Ce jour-là les frontières s'effaceront; nous aurons tous la même patrie, la République; il n'y aura plus ni France, ni Portugal, ni Allemagne, ni Italie; il y aura Paris, capitale du monde, et l'Europe, centre et lumière des continents.
Attendons. Espérons. Je vous serre la main.

VICTOR HUGO (7)

Esta missiva prova bem a modernidade de Hugo visto que já em 1869 (8) preconizava a criação dos «Estados Unidos da Europa», espécie de Mercado Comum sem barreiras fronteiriças, sem despotismo e também sem parasitismo.

Um outro aspecto que merece aqui particular relevo é o destaque dado à cidade de Paris. Mas também esta temática não traz novidade alguma pois desde *Les Misérables* Paris surge como fonte e modelo de civilização e de actividade revolucionária (9).

Com este estudo esperamos ter contribuído para uma mais ampla visão de Victor Hugo no nosso espaço cultural. Talvez que posteriores trabalhos possam modificar e até completar certas considerações aqui expostas, abrindo novas perspectivas. De salientar que também as características estéticas do texto «hugoliano» bem como as vinculações intertextuais entre a sua obra e todo um conjunto de textos da chamada geração romântica portuguesa mereciam ser objecto de atenção. Seria portanto nas possíveis conexões estéticas com a nossa literatura bem como no estudo da dinâmica evolutiva da penetração das obras de Hugo em Portugal que se poderiam formular hipóteses mais fecundas. O próprio micro-texto, que constitui a missiva, poderia ser encarado como elemento sociologicamente revelador duma interligação e dum intercâmbio ideológico entre culturas diferentes. Com tais análises, a própria imagem de Hugo sairia substancialmente mais rica e valorizada.

Oxalá que o dinamismo manifestado pela crítica francesa em relação a este autor, sobretudo a partir de 1962, possa constituir estímulo para nós portugueses, especialmente ao aproximar-se o centenário da sua morte.

Creemos também ser pertinente lembrar como são manifestamente simplistas e habitualmente raras as referências a Victor Hugo e Portugal nos estudos de críticos franceses (10), contrastando afinal com todo o envolvimento e com toda a rede de relações que o referido autor comunicou aos nossos românticos.

Outubro de 1983

NOTAS

- (1) Vitorino Nemésio, *Relações Francesas do Romantismo Português*, Coimbra, 1936, p. 3.
- (2) Jornalista e bibliógrafo, Pedro de Brito Aranha nasceu em Lisboa em 1833. Em 1852 começou a sua carreira de jornalista, tendo exercido primeiramente a profissão de tipógrafo. Colaborou em muitos jornais, tendo sido redactor do Diário de Notícias. Eseritor e tradutor diversificado, o maior serviço que Brito Aranha prestou às letras foi a continuação do *Dicionário Bibliográfico Português*.
- (3) Não esqueçamos que por volta dos anos 60 Portugal era agitado por uma vaga de anticlericalismo à qual Pedro de Brito Aranha prestou o seu contributo publicando *Jesuitas e Lazaristas*. Victor Hugo será aqui referenciado.
- (4) Victor Hugo, *Choses Vues*, Paris, Gallimard, 1972, p. 163.
- (5) Citado por J. B. Barrère, *Victor Hugo*, Paris, Hatier, 1967, p. 16.
- (6) Na impossibilidade de termos acesso ao original, limitamo-nos a transcrever apenas alguns excertos na sua versão portuguesa, como, aliás, aparece citada por Alberto Moreira - *Victor Hugo* Porto, 1952, p. 18.
- (7) In *Gazeta Democrática*, n.º 6, 3 de Maio de 1870.
- (8) Nesse ano Victor Hugo presidiu ao Congresso Internacional da Paz em Lausana, e logo a seguir redigiu uma proclamação aos cidadãos dos futuros «Estados Unidos da Europa». Em 1870, ele próprio plantava em Guernesey o simbólico «chêne des Etats Unis d'Europe».
- (9) Veja-se, por exemplo, *Les Misérables*, V. I, XVIII, Paris, Garnier Flammarion, 1967, p. 266.
- (10) Veja-se, por exemplo, o livro de Arnaud Laster, *Pleins feux sur Hugo*, Paris, éd. de la Comédie Française, 1981, p. 353 onde, num breve parágrafo sobre Portugal, o referido crítico escreve: «Le PORTUGAL, où se situe l'action d'*Inez de Castro*, a reçu les félicitations de Hugo pour avoir, en 1867, aboli la peine de mort, et l'hommage du poète à Camoens en 1880. Entre 1956 et 1976, on y a publié huit traductions de ses oeuvres».

